

O “ESMERALDO DE SITU ORBIS” DE DUARTE PACHECO PEREIRA NA HISTÓRIA DA CULTURA (*).

E' um fato incontestável que a História de Portugal, e até a História da Civilização Ibérica, avultam na História Universal mercê dos Descobrimentos Marítimos e da Expansão dos séculos XV e XVI. Só os Descobrimentos e a Expansão puderam ter dado origem a algo de **inteiramente novo** na História da Humanidade que tenha provindo de Portugal.

Do primeiro quartel ao fim do século XV os portugueses levam a cabo esta série de emprêsas, destinadas a revolucionar tôda a História da Humanidade. Uma nova literatura surge, graças a esta extraordinária aventura humana. Literatura a que poderemos chamar — se empregarmos esta palavra num sentido bem amplo e genérico — **Literatura Portuguesa de Viagens**.

As primeiras emprêsas de descobrimento remontam ao primeiro quartel do século XV. As primeiras obras desta literatura surgem por meados dêste mesmo século. A consciência retarda sôbre a vida.

Para que não sejamos levados a debruçar-nos sôbre uma longa e enfadonha lista de nomes e de títulos, concentremos as nossas atenções numa amostra que nos parece suficientemente representativa, e que nos é dada por aquilo a que poderemos chamar a **Literatura Portuguesa de Viagens da Época dos Descobrimentos**, isto é, a Literatura Portuguesa de Viagens da segunda metade do século XV e primeiros anos do século XVI. Mais precisamente: a Literatura Portuguesa de Viagens que se estende de 1453, data de redação por Gomes Eanes de Zurara da **Crônica dos feitos de Guiné**, até 1508, data em que Duarte Pacheco Pereira abandonou inacabada a redação do seu **Esmeraldo de situ orbis**.

(*) — Conferência realizada em 16 de outubro de 1964 no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo sob os auspícios da Sociedade de Estudos Históricos (Nota da Redação).

E' a época dos Descobrimentos, é a época dos primeiros escritos que dizem respeito a êstes descobrimentos. Tôda uma nova literatura nasce então. Uma nova literatura que teve obrigatòriamente autores novos. Autores forçosamente muito diferentes dos seus predecessores. Como relatores, existiam na Idade Média os cronistas. Na alvorada de uma nova idade, outros relatores surgem: são os autores da chamada literatura de viagens. Homens novos, vivendo num outro clima social e mental, homens com outros interêsses, e tendo uma nova escala de valores para julgar as coisas e os acontecimentos. A sua origem, o seu meio social, o seu gênero de vida, são diferentes. E com o seu gênero de vida, a sua consciência. E no entanto, observando-os de perto, verificamos que existem, mesmo entre êles, diferenças bem nítidas. A sociedade não é homogênea, e conseqüentemente a literatura também o não é, mesmo se atentarmos numa só parcela desta literatura e desta sociedade. Existem os cronistas, ainda nos moldes medievais; surgem os que descrevem terras que diretamente conheceram, ou que conheceram apenas através de relatos de outrem; surgem os que relatam os acontecimentos dia a dia, ao sabor das peripécias das viagens; surgem ainda os técnicos de navegação que escrevem os roteiros, os livros de geografia, os livros de cosmografia, os regimentos de navegação. Podem mesmo encontrar-se alguns que fazem de tudo um pouco: são ao mesmo tempo roteiristas, geógrafos, cosmógrafos, e às vêzes até também historiadores e cronistas.

Falamos de tempos em que ainda só as classes dominantes tinham o privilégio da cultura. Ler e escrever não era então apanágio de tôda a gente. E êstes homens, êstes escritores da literatura de viagens, como quaisquer outros escritores do tempo, pertenciam obrigatòriamente às classes dominantes. Alguns pertenciam à nobreza, na maior parte dos casos eram de origem burguesa, mas êstes mesmos tinham a sua vida ligada à nobreza, senão mesmo à realaleza. Podem no entanto ser classificados entre os primeiros intelectuais de uma burguesia que acaba de nascer, ainda indecisa, ainda sem consciência da sua existência como classe social. Por estas épocas é sobretudo a profissão que os distingue, profissões ligadas a atividades que são outras tantas alavancas da burguesia nascente.

Se atentarmos na evolução da mentalidade revelada por estas obras da Literatura Portuguesa de Viagens da Época dos Descobrimentos, verificamos ser ela aparentemente muito fácil de surpreender: de Gomes Eanes de Zurara a Duarte Pacheco

Pereira, que distância!!!... Mas façamos desde já notar que Zurara e Pacheco pertencem a dois grupos bem distintos, senão do ponto de vista social, seguramente do ponto de vista profissional. Note-se que um cronista de meados do século XV, como Gomes Eanes de Zurara, está menos longe de um homem como João de Barros que viveu quase um século mais tarde, do que de um Valentim Fernandes, de um Álvaro Velho, de um Pero Vaz de Caminha, que lhe são quase contemporâneos. A verdade é que para além de uma evolução geral, tomando em bloco tôdas as obras, é possível distinguir vários gêneros com a sua evolução específica. Basta que olhemos para o interior de cada grupo social, e sobretudoo profissional. Falta de homogeneidade na sociedade, falta de homogeneidade na literatura, mesmo se nos referirmos sòmente ao caso particular da Literatura de Viagens. Chegamos assim a distinguir, para o período que se estende de meados do século XV aos primeiros anos do século XVI, — com o simplismo inerente a tôda a esquematização — quatro gêneros suficientemente definidos, a saber: **Crônicas, Descrições de terras, Diários de bordo, e Roteiros.**

Para êste período, de pouco mais de meio século, não dispomos de mais de uma dúzia de obras, exatamente treze — quantidade certamente bem escassa relativamente ao número das que na época foram redigidas. Mas, se por um lado, muitas destas obras devem ter desaparecido para sempre, por outro, algumas poderão ainda estar sepultadas no pó dos caóticos arquivos portugueses, senão mesmo no pó de alguns arquivos estrangeiros. Houve até quem construisse tôda uma teoria, chamada do **sigilo** ou do **segrêdo** nos Descobrimentos Portuguezes, que explicaria o desaparecimento destas obras por uma deliberada política de sonegação.

Seguindo uma ordem cronológica, vejamos quais foram estas primeiras treze obras da chamada Literatura Portuguesa de Viagens. A de data mais recuada é a **Crônica dos feitos de Guiné**, redigida em 1453 por Gomes Eanes de Zurara, utilizando uma crônica anterior de um Afonso Cerveira. Trata-se da única obra contemporânea do Infante D. Henrique em que se relatam os seus descobrimentos africanos. Depois, encontramos os roteiros anônimos do século XV, que devem remontar a data bem anterior a 1500, que correntemente agrupamos sob o título geral de **Livro de Rotear**, e que fazem parte do famoso **Manuscrito Valentim Fernandes**. Em terceiro lugar surge-nos um texto redigido em latim, na última quinzena do

século XV, intitulado **Dē prima inuentione Guynce**, e redigido por Martin Behaim, ou Martinho da Boêmia, a partir de um relato oral que lhe teria feito Diogo Gomes, velho marinheiro e navegador do tempo do Infante D. Henrique, e mais tarde almoxarife em Sintra. Trata-se também de texto inserto no **Manuscrito Valentim Fernandes**, que acabamos de mencionar. Ainda do século XV, temos o **Diário da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia**, escrito entre 1497 e 1499, por Alvaro Velho, certamente o Alvaro Velho do Barreiro de que nos fala Valentim Fernandes numa das suas descrições. No limiar do século XVI, dois textos nos surgem e de grande importância. Dizem ambos respeito ao descobrimento do Brasil: em primeiro lugar, a célebre **Carta** de Pero Vaz de Caminha; em segundo lugar, o **Diário anônimo da viagem de Pedro Alvares Cabral ao Brasil e à Índia**, escrito em 1500, e que é conhecido sob o título moderno de **Relação do Pilôto Anônimo**. Já em pleno século XVI, de 1502, outros dois textos aparecem. Dois **Diários de bordo** relatando ambos a segunda viagem de Vasco da Gama à Índia. Um dêles, se bem que pouco citado pela historiografia, é de há muito conhecido. Trata-se do chamado **Diário** de Tomé Lopes, que relata a viagem dos cinco navios sob o comando de Estêvão da Gama que partiram de Lisboa no dia 5 de abril de 1502. Em 10 de fevereiro desse mesmo ano tinha partido de Lisboa, comandada por Vasco da Gama, a primeira parte da armada, composta de quinze embarcações. Ora é da viagem desta parte da armada de Vasco da Gama que trata outro **Diário de bordo**, anônimo, e até ao presente totalmente ignorado da historiografia portuguesa. Trata-se de um manuscrito da Biblioteca Nacional de Viena de Austria que foi editado em Leipzig, em 1939, por Christine von Rohr. De 1505-1506, temos um **Diário de bordo** da viagem de D. Francisco de Almeida à Índia, muito provavelmente redigido por um Hans Mayr de quem nada se sabe. Este **Diário** faz parte do **Manuscrito Valentim Fernandes**, e ali aparece com o título: **Do viagê de Dõ Francisco Dalmeйда primeyro viso rey de India... treladado da nao Sã Raffael e q hia Hans Mayr por scriuã da feytoria... Seguem-se, na ordem cronológica, três textos que além de fazerem todos êles parte do **Manuscrito Valentim Fernandes**, são da autoria do próprio Valentim Fernandes. O primeiro, intitulado **Crônica da Guiné**, é um resumo por êle próprio feito em 1506 da **Crônica** já mencionada de Gomes Eanes de Zurara. O segundo, intitula-se **Descripçã de Cepta por sua costa de Mauritania e Ethiopia...**, e foi redigido em 1507. O terceiro, redi-**

gido muito provavelmente também em 1507, intitula-se: **Das ylhas do mar oceano**. Finalmente, encontramos a célebre obra de Duarte Pacheco Pereira, o **Esmeraldo de situ orbis**, cuja redação se situa entre 1505 e 1508.

Entre estas primeiras treze obras da **Literatura Portuguesa de Viagens**, contamos: uma **Crônica**, a citada **Crônica dos feitos de Guiné** de Gomes Eanes de Zurara; três **Descrições de terras**, o **De prima inuentione Guynee** redigido por Martin Behaim, ou Martinho da Boêmia, sob relato oral de Diogo Gomes, a **Descripçã de Cepta por sua costa de Mauritania e Ethiopia** . . ., e o texto intitulado **Das ylhas do mar oceano**, ambos da autoria de Valentim Fernandes; seis **Diários de bordo**, o **Diário da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia** de Alvaro Velho, a **Carta de Pero Vaz de Caminha**, a chamada **Relação do Pilóto Anônimo**, o **Diário** de Tomé Lopes, o **Diário anônimo da segunda viagem de Vasco da Gama à Índia**, e o **Diário da viagem de D. Francisco de Almeida à Índia** em 1505-1506; dois **Roteiros**, o chamado **Livro de Rotear**, o mais antigo roteiro conhecido, e o **Esmeraldo de situ orbis** de Duarte Pacheco Pereira. Finalmente, a **Crônica da Guiné** inserta no **Manuscrito Valentim Fernandes**, obra que hesitamos em classificar de maneira nítida, pois se à primeira vista a devíamos colocar entre as **Crônicas**, a verdade é que Valentim Fernandes ao resumil-la lhe deu características que a aparentam aos textos classificados entre as **Descrições de terras**. Valentim Fernandes, autor de duas **Descrições**, ao resumir e arranjar a **Crônica dos feitos de Guiné** de Gomes Eanes de Zurara, suprimiu uma grande parte dos textos que a caracterizariam como **Crônica**.

Poderemos agora, sempre nos limites inerentes a tôda a esquematização, dar algumas das características fundamentais destes quatro gêneros em que compartimentamos a **Literatura Portuguesa de Viagens**.

As **Crônicas** são obras em que os dados numéricos contam pouco, sendo a sua percentagem mínima; em que os erros na indicação de distâncias são às vezes enormes, como é o caso daquela que agora nos interessa "...a dos feitos de Guiné", em que, de 62 distâncias indicadas, só 7 são calculáveis, e mesmo estas 7, com erros que vão de mais de 22 a 55%. Os erros nas datas são também frequentes. Duarte Leite, em obra que a esta **Crônica** é dedicada, dá-nos uma larga relação das omissões, erros e contradições existentes através do seu texto. Para recordar apenas uma das contradições mais flagrantes, e a título de mero exemplo, poderemos dizer que a **Crônica dos**

feitos de Guiné indica-nos com quatro datas diferentes o começo das tentativas para passar o Cabo Bojador: 1419 no Capítulo 83; 1421 no 9.º; 1422 no 8.º; e 1424 no 13.º. O detalhe e o rigor nas descrições estão substituídos pelo **mais ou menos**. Há omissões e contradições que fazem que o plano geral da obra pareça mais um **puzzle** do que um arranjo do assunto com vistas a ser compreendido pelo leitor. Há nestas obras predomínio absoluto dos algarismos peninsulares ou luso-romanos, não aparecendo ainda um único algarismo árabe. As citações eruditas abundam, mesmo que sejam de segunda mão, como é nomeadamente o caso da **Crônica dos feitos de Guiné** em que a grande maioria delas provém de textos transcritos da **Virtuosa Benfeytura** do Infante D. Pedro e da **General Estoria** de Afonso-o-Sábio. Se bem que nem na **Crônica dos feitos de Guiné**, nem nos restantes livros de viagens do século XV e primeiros anos do século XVI, nos pareça vislumbrar qualquer traço de um **naturalismo animista**, tal como o definiram Alexandre Koyré, Robert Lenoble e Lucien Febvre, o certo é que nesta **Crônica dos feitos de Guiné** ainda nos surge a astrologia judiciária com papel relevante: lembramos, entre mais dois ou três, o passo em que Gomes Eanes de Zurara cita os cinco motivos que moveram o Infante, e em que lhe acrescenta o sexto, para êle de todos o mais importante, e que diz respeito à conjunção dos astros. Poderemos dizer, finalmente, que as **Crônicas** são **reconstituições históricas** e não testemunhos diretos. As **Crônicas** fazem parte da historiografia. São obras de homens ligados a compromissos políticos que pretendem servir. Por outro lado, um cronista palaciano não é um navegador, não vive os acontecimentos que descreve, pois o seu relato é feito sobre conversações tidas com navegadores ou sobre documentação por êle lida e interpretada.

As **Descrições de terras** revelam relativamente às **Crônicas** progressos evidentes da mentalidade quantitativa: a percentagem de indicações numéricas de toda a ordem aumenta, assim como o seu grau de precisão e de exatidão. Há nestas **Descrições** uma ausência total de citações eruditas, e de toda e qualquer alusão às ciências ocultas e à astrologia judiciária. Não se encontram traços de um caracterizado **naturalismo animista**. Estas obras são ainda, numa certa medida, **reconstituições históricas**, porque não são precisamente escritas pelos homens que viveram diretamente os acontecimentos: Diogo Gomes relata e Martin Behaim escreve, João Rodrigues relata e Valentim Fernandes escreve, servindo-se os seus au-

tores também de fontes escritas, como no caso de Valetim Fernandes que nas suas **Descrições** transcreve numerosos textos das **Navigazioni** de Alvise de Ca da Mosto, do **De prima inuentione Guynée** de Diogo Gomes e Martin Behaim, e ainda da **Crônica da Guiné**, manuscrito de 1506. Não são, no entanto, os autores das **Descrições**, cronistas palacianos. São homens que viajaram, que têm relações com a vida comercial do tempo, que têm, em suma, uma experiência de vida, uma situação profissional, uma origem social, totalmente diferentes da experiência, situação e origem dos cronistas palacianos.

Os **Diários de bordo** são obras em que os sinais de uma mentalidade quantitativa são ainda mais marcados; onde a precisão e a exatidão são notáveis; onde as descrições são sóbrias e precisas; onde o plano geral da obra é perfeito; onde a erudição não existe; onde os números relativos a tempo predominam, e onde vemos pela primeira vez de maneira sistemática a indicação de momentos do dia: à tarde, à noite, de manhã, ao meio dia, etc. São estas obras, como o seu próprio nome o indica, escritas dia a dia, e os seus autores são autênticos homens do mar que descrevem de maneira bem viva os acontecimentos diretamente vividos.

Finalmente, os **Roteiros**. São livros técnicos, auxiliares indispensáveis da navegação, em que os dados numéricos de toda a espécie — distâncias, latitudes, profundidades — salvo os relativos a tempo, são numerosos. A precisão e a exatidão são nêles condição imprescindível, pois os navegadores tinham delas absoluta necessidade. Os seus autores são além de marinheiros, técnicos de navegação.

E' a partir dêste quadro mental e cultural que poderemos agora situar a obra de Duarte Pacheco Pereira, o **Esmeraldo de situ orbis**, não só relativamente àquilo a que chamamos a **Literatura Portuguesa de Viagens**, como também relativamente àquilo a que chamamos a **História da Cultura**.

Começemos por afirmar que, embora a obra de Duarte Pacheco Pereira tenha sido quase unânimemente considerada pelos historiadores da literatura e da cultura portuguesas como **um roteiro da costa de África**, a verdade é que se trata de uma obra que encerra aspectos que nos levam a considerá-la bastante mais do que isso. Surge-nos como uma espécie de síntese de um conjunto de obras anteriores que designamos de maneira genérica como a **Literatura Portuguesa de Viagens da Época dos Descobrimentos**.

Como primeira achega ao que acabamos de afirmar, poderemos dizer que Pacheco se refere na sua obra a um grande número de acontecimentos históricos, e, se bem que sempre com brevidade, fá-lo, no entanto, de maneira tal que faz lembrar as crônicas medievais, e especialmente a **Crônica dos feitos de Guiné**, de Gomes Eanes de Zurara. Não falta mesmo no **Esmeraldo** o panegírico do Infante D. Henrique e o de D. Manuel, que reinava no momento em que Duarte Pacheco redigia a sua obra. A grandiloquência e uma certa mentalidade do conquistador que desprezava muitas vezes os princípios humanitários são traços comuns à **Crônica dos feitos de Guiné** e ao **Esmeraldo de situ orbis**. E' esta a razão porque consideramos a obra de Duarte Pacheco Pereira, não somente como um roteiro da costa de África, mas também como **um livro de história** que muitos traços ligam às crônicas medievais.

Por outro lado, vemos no **Esmeraldo** capítulos em que se fala nos círculos terrestres, nas coordenadas terrestres, na maneira de calcular as latitudes, no curso do sol relativamente aos trópicos, na declinação, nas marés e nas suas relações com as fases da Lua. E, como tal, o **Esmeraldo** surge-nos também como **um livro de cosmografia e um regimento de navegação**.

Também as duas cópias do século XVIII que até nós chegaram exibem 16 vezes as palavras **aqui mapa**, não contando com a alusão a dois verdadeiros mapas. Por esta razão, certos historiadores, desprezando o fato de que a legenda **aqui mapa** é da inteira responsabilidade do copista do século XVIII e não designa mais do que simples vistas de costa, pensaram que o **Esmeraldo** não era apenas um roteiro, mas também **um atlas**.

A obra de Duarte Pacheco é, no entanto, antes de mais nada, **um roteiro**, ao mesmo tempo que **um livro de geografia e de cosmografia**. E' o próprio Duarte Pacheco que diz ser a sua obra **um livro de cosmografia e marinharia**.

Tal como a sua obra, Duarte Pacheco Pereira não podia também deixar de ser um homem complexo. Se a lenda, a historiografia do século XVI — Fernão Lopes de Castanheda, João de Barros, Gaspar Correia, Damião de Góis, Jerônimo Osório — e até a poesia — Camões n'**Os Lusíadas**, e outros mais — apresentam Duarte Pacheco apenas como um chefe militar prestigioso, célebre pelas suas façanhas na Índia, não podemos nem devemos, no entanto, esquecer que êle foi também, e talvez sobretudo, um navegador e um técnico de navegação particularmente hábil. A êstes títulos teve êle o encargo de reconhecer muitos pontos da costa ocidental de África, de di-

rigir em 1498, muito provavelmente, uma expedição secreta às costas do Brasil, e de discutir com os espanhóis àcerca do estabelecimento da famosa linha de Tordesillas. Desde 1505 que Duarte Pacheco Pereira dava o grau de meridiano com um êrro de apenas 4%, quando o êrro corrente na época variava entre 7 e 15%. Este progresso foi de tal maneira extraordinário que foi preciso esperar mais de dois séculos (1762) para que o número estabelecido por Duarte Pacheco Pereira começasse a ser utilizado.

Que obras terá lido êste homem complexo? A partir de que fontes elaborou êle a sua obra, não menos cômplexa?

Afirmamos que o **Esmeraldo** é um livro de história, uma espécie de crônica. Se encararmos êste aspecto da obra, não encontramos nela mais do que meia dúzia de passos suscetíveis de serem referidos a uma fonte: no Prólogo do Livro 1.º, um passo que é, sem dúvida, a transcrição de um pequeno texto da carta de Jerônimo Munzer a D. João II, de 1493, carta traduzida por Mestre Álvaro da Tôrre; três passos do mesmo Prólogo do Livro 1.º em que se serviu Pacheco certamente da mesma fonte, para nós desconhecida, de que se serviu Rui de Pina em passos semelhantes da sua **Crônica de D. Afonso V**; um passo ainda do mesmo Prólogo do Livro 1.º em que Pacheco se inspirou nitidamente num texto que Rui de Pina (**Crônica de D. Afonso V**) e João de Barros (**Ásia**) também utilizaram, texto que não foi ainda identificado, mas que podemos afirmar ter estreitas relações com a Bula de Sixto IV, promulgada em 21 de junho de 1481; um passo do Livro 1.º, Capítulo 22, em que Duarte Pacheco Pereira transcreve as palavras do Infante D. Henrique a Gil Eanes a quando da passagem do Cabo Bojador. A fonte de Pacheco não foi a **Crônica dos feitos de Guiné**. Teria sido a Crônica anterior de Afonso Cerveira? Somos levados a pensar que se trata de texto não encontrado ainda e em que se teriam inspirado Zurara e Pacheco.

Finalmente, à margem do livro de história, lembramos um passo do Livro 3.º, Capítulo 7, em que Duarte Pacheco Pereira fala dos **gatos meimões**, que designa também pelo nome de **baboís**, passo muito semelhante a um texto do **Manuscrito Valentim Fernandes**, onde se fala de **babuínos**. Ainda aqui poderemos afirmar que Duarte Pacheco Pereira e Valentim Fernandes se inspiraram numa fonte comum, para nós desconhecida.

Se encararmos agora o **Esmeraldo de situ orbis** como um **roteiro**, não é menos difícil descobrir as fontes para êste as-

pecto da obra. O único roteiro conhecido anterior ao **Esmeraldo** é aquêlê que habitualmente designamos por **Livro de Rotear**, de autor anônimo e inserto no **Manuscrito Valentim Fernandes**. Podemos pensar que, neste domínio, Duarte Pacheco Pereira se serviu de numerosos roteiros da época, de que não nos resta infelizmente senão o **Livro de Rotear**, e também, e sobretudo, da sua experiência pessoal de navegador numa costa que êle deve ter percorrido muitas vêzes.

No que diz respeito ao **Esmeraldo** considerado como **regimento de navegação**, conhecemos apenas duas obras que poderão ser-lhe anteriores: o célebre **Regimento de Munique**, de que uma ou várias edições terão sido impressas antes que Duarte Pacheco Pereira tivesse redigido o seu **Esmeraldo de situ orbis**, e o não menos conhecido **Regimento de Évora**, se admitirmos, o que nos parece bastante provável, que êle remonta a uma data muito anterior à da sua impressão por German Galhardo. De qualquer modo, neste domínio, a contribuição de Duarte Pacheco Pereira marca progressos tão consideráveis que o mais provável é que êle tenha feito obra original, o que não exclui a existência de um tradição anterior de que os **Regimentos** citados são os únicos testemunhos até nós chegados.

O **Esmeraldo** é, finalmente, **um livro de geografia e um livro de cosmografia**. No que diz respeito à geografia, devemos distinguir dois aspectos: a geografia da costa de África e a geografia geral. No que se refere à primeira, Pacheco fêz certamente apêlo à sua experiência pessoal e à dos navegadores que o precederam. Como dissemos atrás, nada mais natural do que êstes navegadores terem deixado roteiros que hoje desconhecemos. No que se refere à geografia geral e à cosmografia, as coisas apresentam-se de maneira bastante diversa. Duarte Pacheco Pereira recorre a várias autoridades, citando-as até freqüentemente, como se quisesse alardear erudição. Cita o **De Situ Orbis**, de Pompônio Mela, a **História Natural**, de Plínio, o **Tratado da Esfera**, de Sacrobosco, cita Estrabão, Ptolomeu, Alfragano, Vicente de Beauvais, Jacobus Perez de Valência, cita também Homero, Virgílio, não se esquecendo, muito naturalmente, da Bíblia. Isto não significa, no entanto, que Pacheco tenha lido todos êstes autores. Podemos desde já pôr de lado Homero e Alfragano. Homero é apenas citado quatro vêzes: duas vêzes através de um texto de Pompônio Mela; a terceira vez através de um texto de Estrabão; finalmente, a quarta vez, para o qualificar como orador

ao lado de Demóstenes. Alfragano é citado duas vezes, mas através de um texto de Sacrobosco. Pacheco cita uma vez Virgílio, nas **Geórgicas**, mas duvidamos que êle tenha conhecido diretamente esta obra. O mesmo poderemos dizer a propósito da única citação que no texto do **Esmeraldo** encontramos de Jacobus Perez de Valência, assim como da única citação que também ali encontramos de Vicente de Beauvais. Pacheco designa o autor do **Speculum Historiale** por Vicente Istorial e, na indicação do capítulo citado desta obra, êle, ou o autor do texto donde Pacheco tirou a citação, toma a letra C inicial da palavra **Capítulo** pela letra C que designa o número **Cem** em algarismos romanos. Ptolomeu é citado três vezes de maneira muito vaga. Estrabão é citado duas vezes e, em qualquer dos casos, de maneira bastante infiel. Finalmente, a Bíblia, que Pacheco cita uma dúzia de vezes, e ainda Sacrobosco, Plínio, e Pompônio Mela. E' fácil surpreender uma influência muito nítida do **Tratado da Esfera** de Sacrobosco numa quinzena de passos do **Esmeraldo**, embora o nome de Sacrobosco só uma vez seja citado. No entanto, esta única referência explícita a Sacrobosco e duas citações de Alfragano tiradas do texto daquele, permitem-nos afirmar que Duarte Pacheco Pereira teve conhecimento do **Tratado da Esfera** através de uma edição em língua portuguesa semelhante à do célebre exemplar de Munique. No que se refere a Plínio, é fácil verificar que Duarte Pacheco Pereira recorreu muitas vezes à sua **História Natural**, e, se não aos trinta e sete livros de que se compõe a obra, certamente a muitos dêles, e muito especialmente ao Livro 2.º. A influência de Plínio, confessa ou não, é muito nítida numa trintena de passos do **Esmeraldo**, e Pacheco serviu-se, não de um qualquer texto latino da obra de Plínio, mas sim da tradução italiana de Cristophoro Landino, publicada em Veneza em 1476 e 1481, tradução de que Pacheco reproduz até alguns erros. Finalmente, o **De Situ Orbis**, de Pompônio Mela, que é tão citado como a **História Natural**, de Plínio. Ainda neste caso, Duarte Pacheco Pereira não se serviu de nenhum texto latino. Leu e comentou em 151 notas marginais autógrafas um manuscrito que hoje se pode ver na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa (Ms. 50, V, 19). Trata-se de uma tradução para castelhano do **De Situ Orbis**, de Pompônio Mela, certamente feita nos últimos anos do século XV, e por Mestre João Faras, médico e cirurgião de D. Manuel e que é nem mais nem menos que o famoso Mestre João, autor da Carta a

D. Manuel escrita de Vera Cruz no dia 1 de maio de 1500. Podemos ler no começo desta carta:

“O bacharel mestre Johan fisycos e cirurgyano de vossa alteza...”;

e no final da mesma carta:

“Johanes artium et medicine bachalarius”.

Nas primeiras linhas da obra de Pompônio Mela, na sua tradução castelhana da Biblioteca da Ajuda, lemos:

“La geografia y cosmografia de Ponponio Mela, cosmografo, pasada de latin em romance por Maestre Joan Faras, bachiler em artes y em medecina, fisico y sororgiano dell muj alto Rey de Purtugall Dom Manuell”.

A semelhança entre o castelhano aportuguesado da tradução do **De Situ Orbis** e o português castelhanizado da carta a D. Manuel; o fato de nos dois casos o autor ter o mesmo nome e ambos serem “bacharéis em artes e em medicina” e “físicos e cirurgiões” de D. Manuel — tudo isto nos leva a crer que se trata de uma só e mesma personagem.

Mas deixemos Mestre João Faras e voltemos a Duarte Pacheco Pereira e ao seu **Esmeraldo de situ orbis**.

O fato de Duarte Pacheco Pereira ter lido as suas principais fontes (talvez com exceção da Bíblia) em línguas vulgares, define com certa nitidez o seu lugar na História da Cultura. O fato de ter lido Sacrobosco em português, Pompônio Mela em castelhano, Plínio em italiano, acrescido ainda de algumas das suas citações eruditas serem de segunda mão, leva-nos a concluir que Duarte Pacheco Pereira não era apenas um fraco latinista, mas muito mais um homem de ação e um homem de ciência do que um humanista. Tinha as fraquezas e as virtudes dos homens práticos da época, que, segundo nos parece, deram uma contribuição muito mais poderosa àquilo a que poderemos chamar a **pré-história do pensamento moderno** do que as Universidades, o seu corpo docente, e mesmo os humanistas, cheios de erudição. Também Leonardo da Vinci fôra, pela mesma época, um fraco latinista, homem de poucas letras e muito contacto com a vida. Razão tinha Lucien Febvre, quando escreveu:

“Humanismo e Ciência desenvolveram-se separadamente e sem ação recíproca direta. Por um lado, o hu-

manismo pleno de textos e de autores, exclusivamente alimentado de textos e de autores. Por outro lado, as realidades, os descobrimentos marítimos, as invenções, as técnicas. Entre o saber livresco e o saber prático, poucos ou quase nenhuns contactos”.

Duarte Pacheco Pereira foi, com o matemático Pedro Nunes, com D. João de Castro, e com o naturalista Garcia de Orta, um dos autores mais importantes entre aquêles que ligaram a sua vida e a sua obra aos Descobrimentos Marítimos Portuguezês. Aquilo a que chamamos a Literatura Portuguezesa de Viagens, que se confunde com a Literatura Científica ligada aos Descobrimentos, representa o que de mais original produziu até hoje a Cultura Portuguezesa. Tanto no aspecto científico, como técnico, e até talvez filosófico, nunca os portuguezês atingiram um tal domínio dêles próprios e da sua expressão cultural. Duarte Pacheco Pereira, Pedro Nunes, D. João de Castro, Garcia de Orta, são a mais alta expressão dêste surto cultural e mental, e o **Esmeraldo de situ orbis** representa a primeira grande síntese. Duarte Pacheco surge-nos como uma personagem revolucionária, e a sua obra, o **Esmeraldo de situ orbis**, marca uma ruptura na mentalidade portuguezesa do tempo. Muitos aspectos distinguem a obra de Pacheco de tôdas as que a precederam.

Falamos atrás numa como que **pré-história do pensamento moderno**, e a esta associamos a **Literatura Portuguezesa de Viagens** e a **Literatura Científica** a ela estreitamente ligada, se nos lembrarmos que aquilo a que poderemos talvez chamar os conceitos-base da filosofia e da ciência modernas estão estreitamente relacionados: por um lado com a penetração do número, da medida, da medida precisa, da medida exata, na vida da sociedade, com a quantificação da vida, em suma; e por outro, com a evolução do conceito de **experiência**, desde a experiência bruta, mera observação do senso comum, experiência que não é mais do que observação, até à experiência que se prepara, a experiência que é uma questão posta à natureza, e posta numa linguagem geométrica e matemática, como diz Alexandre Koyré.

O **Esmeraldo de situ orbis** preenche êstes dois requisitos.

A começar pela minúcia e exatidão nas descrições, até à própria estrutura ordenada da obra, é observável em Pacheco um notável sentido da precisão. Mas êste mesmo sentido da precisão e da exatidão é sobretudo visível, e até mensurável, nas indicações das distâncias e das latitudes, assim como no êrro mínimo — 4% — com que êle nos dá o valor do grau de

meridiano. Por outro lado a grande percentagem de dados numéricos no texto do **Esmeraldo** — as distâncias, as latitudes, as profundidades, as datas, perfazem mais de um milhar de indicações numéricas. Finalmente, um aspecto fortemente revelador: o **Esmeraldo** é o primeiro texto da autoria de um português nado e criado em Portugal em que a percentagem de algarismos árabes sobreleva a de algarismos peninsulares ou luso-romanos — 24,5% de árabes para 0,3% de luso-romanos.

O outro requisito, não menos importante, são as tão citadas frases do **Esmeraldo** em que o conceito de **experiência** está em causa. Apesar do medievalismo da forma em dois dos oito passos que ao conceito de **experiência** dizem respeito, a verdade é que nos parece tratar-se de algo mais que vem colocar Duarte Pacheco Pereira e a sua obra na linha de evolução daquilo a que chamamos a **pré-história do pensamento moderno**. Pacheco invoca a **experiência** nos seguintes passos do seu **Esmeraldo**:

- No livro 1.º, Capítulo 2.º: "...a **experiência** que é madre das cousas, nos desengana e de toda dúvida nos tira;..."
- No Livro 1.º, Capítulo 27.º: "...temos por **experiência** que os navios em que pera aquelas partes navegamos, tanto que naquela crima são, nenhuns homens dos que neles vão, desta infirmitade morrem;..."
- No Livro 2.º, Capítulo 10.º: "...e esta terra é muito vezinha do círculo da equinocial, da qual os antigos disseram que era inabitável e nós por **experiência** achamos o contrário".
- No Livro 2.º, Capítulo 11.º: "A **experiência** nos faz viver sem engano das abusões e fábulas que alguns dos antigos cosmógrafos escreveram acêrca da descrição da terra e do mar;..."
- Também neste Livro 2.º, Capítulo 11.º: "... e a **experiência** nos tem ensinado, porque por muitos anos e tempos que esta região das Etiópias de Guiné temos navegadas e praticadas;..."
- Ainda neste Livro 2.º, Capítulo 11.º: "...achamos por **experiência** que os homens deste promontório de Lopo Gonçalves e toda a outra terra de Guiné são assaz negros;..."
- No Livro 4.º, Capítulo 1.º: "...e como quer que a **experiência** é madre das cousas, por ela soubemos radicalmente a verdade;..."
- No Livro 4.º, Capítulo 6.º: "...a **experiência** nos ensinou a verdade de tudo o que adiante dissermos".

Na Comédia, **Os Estrangeiros**, Sá de Miranda, escreve:

“Certo, os homens não deviam falar nas cousas do mundo senão depois de muita infinda experiência, que, segundo diz o Filósofo, **est mater rerum**”.

Foi êste passo de Sá de Miranda, com a alusão ao Filósofo, que nos levou a falar do medievalismo da forma em dois dos oito passos em que no **Esmeraldo** está em causa o conceito de **experiência**.

Também em texto de Afonso V de Aragão, datado de 1438, encontramos a frase:

“Nos don Alfonso, por la graça de Dios, Rey de Aragon... **Speriencia, madre de todas cosas, e maestra continuament,...**”.

Mas se a fórmula é a mesma de Pacheco, o seu emprêgo pode diferir profundamente. Duarte Pacheco Pereira contrapõe aos textos antigos e medievais, a **experiência**. A **experiência** é assim erigida por Duarte Pacheco Pereira em critério de verdade.

Exatamente no ano de 1508, data em que Duarte Pacheco redigia êstes passos do **Esmeraldo de situ orbis**, Leonardo da Vinci escrevia, naquilo a que hoje chamamos **Os Fragmentos**, que a **experiência era a mestra das coisas**.

A vitória do sentido da vista na obra de Duarte Pacheco Pereira parece-nos corroborar o que afirmamos na última parte desta nossa exposição. A análise daquilo a que poderemos chamar o **suporte sensível do pensamento**, parece-nos também concorrer para que vejamos a obra de Pacheco na linha de evolução de uma como que **pré-história do pensamento moderno**. A tese de Abel Rey, segundo a qual a **passagem do qualitativo ao quantitativo está essencialmente ligada aos progressos do predomínio das percepções visuais**, aparece confirmada no **Esmeraldo**. A profusão de indicações de côres leva-nos a afirmar que existe na obra de Pacheco uma correlação entre a mentalidade quantitativa e o predomínio das percepções visuais.

Finalmente, a ausência de qualquer traço válido que nos revele uma mentalidade mágica, ligada ao chamado **Naturalismo Animista** do Renascimento; a distinção clara e nítida entre o possível e o impossível — tudo são indicações que nos poderão levar a afirmar que Duarte Pacheco Pereira e o seu **Esmeraldo de situ orbis** constituem a primeira grande mani-

festação de uma tradição racionalista no pensamento português, a que poderemos chamar “**Experiencialismo**” do **Renascimento** e que, por meados do século XVI, a Inquisição e o início da decadência haviam de fazer abortar. Para terminar esta rápida caracterização de uma das obras mais importantes de toda a História da Cultura Portuguesa, poderemos afirmar que — se mais não fôra — o **Esmeraldo de situ orbis** é uma das obras mais importantes da História Geral da Geografia (1).

JOAQUIM BARRADAS DE CARVALHO

Professor de História Ibérica da Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

- (1). — A comprovação de todas as afirmações feitas nesta Conferência pode ver-se nos nossos trabalhos: A mentalidade, o tempo e os grupos sociais (Um exemplo português da época dos descobrimentos: Gomes Eanes de Zurara e Valentim Fernandes), na Revista de História, São Paulo, n.º 15, julho-setembro de 1953; Mentalité, Temps, Groupes Sociaux (Un exemple portugais), in *Annales — Economies — Sociétés — Civilisations*, Paris, n.º 4, outubro-décembre 1953; Sur l'introduction et la diffusion des chiffres arabes au Portugal, in *Bulletin des Etudes Portugaises et de l'Institut Français au Portugal, Nouvelle Série*, Tome XX, 1958; L'Historiographie Portugaise Contemporaine et la Littérature de Voyages à l'Époque des Grandes Découvertes, in *Ibérica — Revista de Filologia*, n.º 4, Rio de Janeiro, dezembro de 1960; Um Inédito de Duarte Pacheco Pereira existente na Biblioteca da Ajuda, no *Diário de Lisboa*, 17 e 19 de julho de 1961; Um inédito de Duarte Pacheco Pereira, no *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, Fundação Calouste Gulbenkian, volume II, n.º 4, Lisboa, outubro-dezembro de 1961; Algarismo, no *Dicionário de História de Portugal* dirigido por Joel Serrão, Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1962; “*Esmeraldo de situ orbis*” de Duarte Pacheco Pereira (Edition critique et commentée), in *Positions des Thèses de Troisième Cycle soutenues devant la Faculté en 1960 et 1961*, Publications de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Paris, Presses Universitaires de France, Paris, 1962; *Esmeraldo de situ orbis*, no *Dicionário de História de Portugal* dirigido por Joel Serrão, Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1963; As fontes de Duarte Pacheco Pereira no “*Esmeraldo de situ orbis*” (Breve apontamento), in *Publicaciones del Curso Hispano-Portugues de Orense*, 1963; Valentim Fernandes, no *Dicionário de História de Portugal* dirigido por Joel Serrão, Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1963; Diogo Gomes, *ibidem*; A decifração de um enigma: o título “*Esmeraldo de situ orbis*” no *Diário de Lisboa*, 23 de maio de 1963; *ibidem*, no *Boletim de Bibliografia Luso-Brasileira*, Fundação Calouste Gulbenkian, volume IV, n.º 4, outubro-dezembro de 1963; *ibidem*, na *Revista de História*, São Paulo, n.º 58, abril-junho de 1964; As Edições e as Traduções do “*Esmeraldo de situ orbis*”, na *Revista de História*, São Paulo, n.º 59, julho-setembro de 1964; Afonso Cerveira, no *Dicionário de História de Portugal* dirigido por Joel Serrão, Lisboa (no prelo); Mestre João ou Mestre João Faras, *ibidem*; Tomé Lopes, *ibidem*; Hans Mayr, *ibidem*; Duarte Pacheco Pereira, *ibidem*; Alvaro Velho, *ibidem*; Literatura de Viagens, *ibidem*; “*Esmeraldo de situ orbis*” de Duarte Pacheco Pereira (Edition critique et commentée), no prelo; As fontes de Valentim Fernandes na “*Descripçam de Cepta por sua costa de Mauritania e Ethiopia...*”, em preparação; As fontes de Valentim Fernandes n.º “*As yllhas do mar oceano*”, *ibidem*; As Edições e as Traduções da “*Crónica dos feitos de Guiné*” de Gomes Eanes de Zurara, *ibidem*; A segunda viagem,

de Vasco da Gama à India — um manuscrito desconhecido da historiografia portuguesa, *ibidem*; A história da palavra “descobrir” (Para um dicionário histórico da língua portuguesa), *ibidem*; Descobrir, *ibidem*; Pour une nouvelle histoire de la pensée (Les “Annales” et le Marxisme: Lucien Febvre, Fernand Braudel, et l’histoire sociale des idées), *ibidem*; Une tradition rationaliste dans la pensée portugaise: l’“expérialisme” de la Renaissance, *ibidem*; Experiência, *ibidem*; Duarte Pacheco Pereira, *ibidem*; La Littérature Portugaise de Voyages et les progrès de la mentalité quantitative au seuil de l’Epoque Moderne, *ibidem*; La traduction espagnole du “De Situ Orbis” de Pomponius Mela par Me. Joan Faras et les notes marginales de Duarte Pacheco Pereira, *ibidem*; L’“Esmeraldo de situ orbis” de Duarte Pacheco Pereira et la littérature portugaise de voyages à l’époque des grandes découvertes (contribution à l’étude des origines de la pensée moderne), *ibidem*.